



Um passeio pela história e arquitetura do Museu Histórico Nacional em duas significativas publicações.



Duas importantes publicações sobre o Museu Histórico Nacional foram lançadas esse ano.

Editado pelo MHN e Editora Olhares, o livro “Museu Histórico Nacional” traça um paralelo entre a história do Brasil e trajetória institucional do próprio museu. Com 300 páginas, texto de Eduardo Junqueira e fotografias de arquivo e outras especialmente produzidas por José Caldas, o livro inclui crônicas de Ana Arruda Callado, Dominique Poulot, José Luiz Alquéres, Laurentino Gomes e Mary Del Priore. Textos de apresentação da Ministra da Cultura, Marta Suplicy, e do Presidente do Instituto Brasileiro de Museus, Angelo Oswaldo de Araújo Santos.

O livro está dividido em três blocos temáticos. O primeiro apresenta ensaio fotográfico sobre a arquitetura do conjunto que abriga o Museu Histórico Nacional, um dos mais significativos da cidade do Rio de Janeiro,

remontando à Fortaleza de Santiago, construída no século XVII. Detalhes do Antigo Arsenal de Guerra, da Casa do Trem e do Pavilhão das Grandes Indústrias da Exposição do Centenário da Independência de 1922, que geralmente passam despercebidos, ganham destaque na obra. O segundo bloco aborda o surgimento do primeiro museu de história do Brasil voltado à instrução pública e as relações entre museu e sociedade. O último bloco ressalta, em belas fotos, peças importantes do acervo do museu que auxiliam na compreensão da história nacional.

Continua pag 2.



Foto: Pátio dos Canhões, José Caldas, 2013



Panorama da cidade do Rio de Janeiro, tendo o Arsenal de Guerra em primeiro plano, Emil Bauch, 1873. Original: Coleção Carlos Mariani, Rio de Janeiro.

Um passeio pela história e arquitetura do Museu Histórico Nacional em duas significativas publicações.



Foto aérea, Ponta do Calabouço, Jorge Kfoury, anterior a 1922. Apresenta em destaque o Arsenal de Guerra, antes da grande reforma para abrigar o Pavilhão das Grandes Indústrias da Exposição Internacional do Centenário da Independência, realizada no Rio de Janeiro em 1922, hoje sede do Museu Histórico Nacional. Original: Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.



Foto: Galeota de D. João VI, em frente ao Pavilhão das Grandes Indústrias, Lopes, 1922.

Ambas as publicações são bilíngües (português e inglês) e foram produzidas com verba orçamentária do IBRAM/Ministério da Cultura e mediante licitação pública.

Editado pelo MHN e Traço Leal, o catálogo “Museu Histórico Nacional – 90 Anos de histórias – 1922 – 2012”, traz fotos e textos da exposição de mesmo nome, que esteve aberta ao público de 02 de agosto de 2012 a 03 de março de 2013, além de extensa linha do tempo com toda a trajetória da Instituição.

Criado em 1922 por decreto do então Presidente Epitácio Pessoa, o MHN consolidou-se ao longo de noventa anos como o mais importante museu de história brasileiro, detendo sob sua guarda 80% de todo o patrimônio museológico pertencente ao Instituto Brasileiro de Museus/Ministério da Cultura.

Com 88 páginas e fotos de arquivo e outras especialmente feitas para o catálogo por Cleber Miranda, a obra inclui, ainda, a relação dos doadores e patrocinadores do museu ao longo dessas nove décadas e textos sobre a trajetória do conjunto arquitetônico e as exposições de longa duração em cartaz.



As obras já se encontram disponíveis na Loja do Museu:

Catálogo “Museu Histórico Nacional – 90 Anos de histórias – 1922 – 2012” (ISBN 978-8585822-18-7), R\$ 50,00.

Livro “Museu Histórico Nacional” (ISBN 978-85-62114-27-4), R\$ 100,00.



A serviço de sua majestade, o Museu Histórico Nacional

Desde o início da década de 1980, assistiu-se na Europa, Estados Unidos, Leste Europeu e em alguns países da América do Sul a uma grande mudança na maneira de se delimitar as funções do Estado.

Em muitos países, o povo e os políticos constataram a incapacidade dos governos de cumprir com todas as atribuições que, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, vinham sendo alocadas ao Estado, seja nas suas funções típicas – segurança e política externa –, seja nas sociais – educação e saúde –, nas econômicas ou nas culturais. E, por isso, partiram para novos modelos de gestão e institucionais.

Essa onda chegou ao Brasil em 1990, com o costumeiro atraso e aflição de “fazer tudo para ontem”. Assim, o que seria desejável, se bem feito e de forma ordenada, desenrolou-se, num primeiro momento, num movimento frenético. Havia que se desmontar o Estado e suas instituições, e o caminho escolhido foi o enfoque “cirúrgico” – cortar e demitir – muito usado e abusado. Grandes perdas ao patrimônio institucional e cultural, tradicionalmente de responsabilidade de entidades politicamente fracas, se sucederam.

Naquela época, estávamos vivendo os primeiros anos após a Constituição de 1988 e, afortunadamente, despontou também na sociedade uma salutar mobilização de várias organizações civis, novas e antigas, em busca de uma maior participação no que é público, que deixava de ser considerado território exclusivo das organizações governamentais.

A criação das Sociedades de Amigos, das Associações de Amigos e congêneres vinculadas a entidades como museus, hospitais e escolas se insere nesse quadro. Como fenômeno novo, algumas se tornaram mais organizadas, mais relevantes ou mais capazes de cumprir as suas finalidades do que outras.

A AAMHN - Associação de Amigos do Museu Histórico Nacional foi pioneira nesse contexto. Criada em 1988, beneficiou-se, no nascedouro e ao longo das duas primeiras décadas e meia de existência, das inspiradoras personalidades de Henrique Sérgio Gregori - seu primeiro presidente - e Roberto Paulo Cezar de Andrade, seu sucessor.

Alinhados às melhores experiências estrangeiras, mas colocando sua longa vivência empresarial no Brasil a serviço da causa pública, os dois configuraram a AAMHN, definindo um estilo de servir ao público, servindo a quem tem por obrigação atendê-lo, mas que nem sempre tem, a tempo e a hora, os devidos meios.

Eles tiveram nas diretoras do Museu Histórico Nacional – Solange de Sampaio Godoy, Heloísa Magalhães Duncan, Ecyla Castanheira Brandão e Vera Lúcia Bottrel Tostes - as parceiras ideais para trabalhar no plano estratégico, no planejamento da administração e nos

seus indispensáveis controles, além dos modelos de governança que, evoluindo no período, fizeram da AAMHN uma entidade de referência.

AAMHN mantém a sua colaboração histórica na captação de recursos adicionais

aos do Governo para viabilizar projetos, entre os quais a realização de exposições, sobretudo aquelas que envolvem o relevante acervo do MHN, e a aquisição de acervo para complementa coleções. No entanto, hoje, mais madura, a associação procura, cada vez mais, apoiar o Museu em suas aspirações de longo prazo.

Em 2022, o Brasil comemorará os 200 anos da Proclamação da Independência. Na ocasião, o Museu Histórico Nacional estará celebrando seus 100 anos. E assim como o Centenário da Independência viu nascer o primeiro museu de história nacional, totalmente voltado à instrução pública, a AAMHN está empenhada em que no Bicentenário o Museu Histórico Nacional esteja à frente de seu tempo, alinhado às perspectivas do público e às necessidades físicas de um museu que não pára de crescer.

Uma programação plurianual de seminários e exposições estará repercutindo este evento, que adquire um especial simbolismo num momento que a economia mundial se globaliza e o Brasil, guardando sua identidade, se faz mais presente no conjunto das nações.

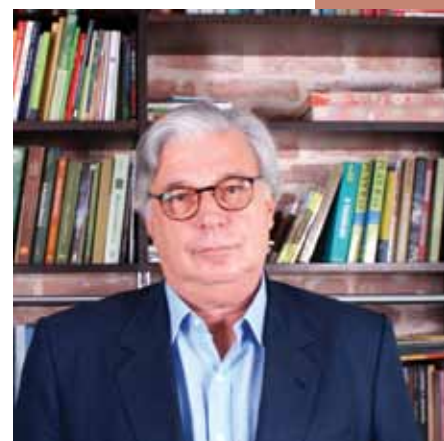
Já está em curso também um grande projeto de expansão das dependências do MHN para áreas próximas, visando à implantação de novas reservas técnicas e áreas administrativas, liberando o conjunto arquitetônico histórico para acolher mais e mais exposições.

Os próximos nove anos serão, portanto, de intensa atividade. Ampliar horizontes e atingir objetivos, mais do que necessário é um dever de cidadania de quem deve zelar pela memória da nossa Independência. A AAMHN dará continuidade à sua missão de atrair a sociedade civil para dar suporte à causa da cultura e da nacionalidade, apoiando o seu Museu Histórico Nacional.

José Luiz Alquéres

Presidente, em nome da Diretoria e Conselho da AAMHN

(Texto incluído no livro “Museu Histórico Nacional”)



EXPOSIÇÕES

Arte e fé

De 9 de abril a 18 de agosto

A preciosa coleção de arte sacra do MHN integrou a exposição “A Arte a Serviço da Fé – Tesouros do Museu Histórico Nacional”, promovida no âmbito da Jornada Mundial da Juventude.



Produtos relacionados à JMJ já integram o acervo da Instituição!

Foto: Angela Guedes



Grande número de peregrinos visitou a exposição: alegria e fé contagiantes!

Fotos: João Carlos Ribeiro Campos



Design – De 27 de junho a 28 de julho

Exposição itinerante “Connecting Concepts” reuniu o melhor do design holandês, numa promoção da Premsula – Fundação Holandesa de Design e Moda” – em parceria com o NAI – Instituto Holandês de Arquitetura – e Capital D – associação de novos designers da região de Eindhoven Brainport.



Cônsul-Geral Adjunto da Holanda no Rio de Janeiro, Arie Plieger, Diretora do MHN, Vera Lúcia Bottrel Tostes, Diretora Geral de Cultura do Ministério de Educação, Cultura e Ciências da Holanda, Marjan Hammersma, ex-Cônsul-Geral da Holanda no Rio de Janeiro, Sr. Paul Comenencia, e a Vice-Prefeita de Amsterdam, Carolien Gehrels.

Fotos: Roberto Alves



Oportunidade para conhecer o design holandês.

Tapeçaria – De 13 de junho a 18 de agosto

Exposição “A Arte da Tapeçaria – Tradição e Modernidade”, promovida pela Espírito Santo Cultura, reuniu 28 obras da Manufatura de Tapeçarias da cidade portuguesa de Portalegre.



Foto: Roberto Alves



Vera Fino, proprietária da Manufatura Portalegre, Maria João Espírito Santo Bustorff Silva, presidente da Espírito Santo Cultura, Nuno de Mello Bello, Cônsul Geral de Portugal no Rio de Janeiro, e Vera Lúcia Bottrel Tostes, Diretora do MHN, na inauguração da exposição.



Mobiliário - De 9 de agosto a 22 de setembro:

Com curadoria de Marcelo Vasconcellos e Zanini de Zanine e peças de Aída Boal, Sérgio Rodrigues, Oscar Niemeyer, irmãos Campana e Domingos Tótora, entre outros renomados designers, a exposição “Do Moderno ao Contemporâneo – O Design Brasileiro de Móveis” reuniu clássicos do mobiliário moderno, peças de destaque da produção contemporânea e itens menos notórios de ambas, traçando um panorama do design brasileiro de móveis.



*Poltrona Xibô, criação contemporânea de Sérgio Rodrigues, lançada em 2013
Foto: Divulgação*



*Poltrona Revisteiro, de José Zanine Caldas, década de 1970.
Foto: Divulgação*



Aída Boal ao lado de sua criação, a poltrona "Puff" Foto: Roberto Alves



Alguns dos exemplares que integraram a exposição serão, em breve, doados ao MHN.

Esporte – De 13 de setembro a 01 de dezembro

Organizada pelo Comitê Olímpico Brasileiro, a exposição “Jogos Olímpicos: Esporte, Cultura e Arte” apresenta ao público a coleção do Museu Olímpico Internacional de Lausanne (Suíça), revelando a história dos jogos olímpicos, desde a sua origem à era moderna.



A mascote é um dos principais símbolos dos Jogos Olímpicos. Ao lado dos anéis e da chama, desempenha importante papel na divulgação do evento. A primeira mascote foi criada em Munique, em 1972.

Foto: João Carlos Ribeiro Campos



*Urso Misha, mascote dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980).
Foto: João Carlos Ribeiro Campos*



*Carlos Arthur Nuzman, presidente do COB, e Emanuel Fernando Scheffer Rego, atleta do vôlei de praia.
Foto: Christian Rodrigues*



Material promocional das Olimpíadas ao longo do tempo. O atleta americano Jesse Owens foi convidado pela Coca Cola a se tornar garoto propaganda da marca após ganhar medalhas de ouro nas Olimpíadas de Berlim em 1936.



*Márcia Peltier, Carlos Arthur Nuzman e Vera Tostes na inauguração da exposição.
Foto: Roberto Alves*

EXPOSIÇÕES

História - De 9 de outubro a 26 de janeiro de 2014

A exposição “Há 250 anos... de Salvador para o Rio de Janeiro” celebra os 250 anos da transferência da sede do governo do Estado do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro, apresentando acervo do próprio MHN – documentos, pinturas, aquarelas, armaria, louça brasonada, panoramas, mapas e plantas – e o “Armorial de Garcia D’Ávila”, do colecionador Christovão de Ávila.



Entrada do Arsenal de Guerra (lateral da Casa do Trem), em litografia de Pedro Godofredo Bertichem de 1856.

Salvador foi fundada em 1549 por Tomé de Souza para instalar o Governo Geral da colônia portuguesa na América. O bom porto e a localização central da capitania da Bahia de Todos os Santos favoreciam o comércio, o controle da região e a defesa contra os ataques de índios e piratas.

No ano de 1763, o centro do governo do Estado do Brasil foi transferido para a cidade do Rio de Janeiro por motivos políticos, econômicos e militares. A partir de então, os vice-reis aumentaram seu poder e se posicionaram mais próximos às áreas mineradoras e aos territórios disputados por Portugal e Espanha: Colônia de Sacramento e Rio Grande de São Pedro. A escolha da cidade se deu devido à sua centralidade, ao seu porto abrigado, que facilitava a defesa, e ao bom posicionamento em relação ao comércio Atlântico.

Mesmo antes de se tornar sede do Estado do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, desde princípios do século XVIII, já passava por uma expansão comercial e militar, em função do desenvolvimento da atividade mineradora nas Minas Gerais. Em 1743 a Casa da Moeda foi instalada, ocupando o térreo da Casa dos Governadores e, em 1751 fora criado o Tribunal da Relação do Rio de Janeiro, a segunda corte de apelação do Brasil, depois de Salvador.

A partir de 1763, o núcleo urbano ultrapassou os limites formados pelos morros de Santo Antônio, São Bento, Conceição e do Castelo, dando origem a novos bairros e novas ruas. A cidade ganhou diversos melhoramentos, como o Passeio Público, chafarizes e a ampliação da Casa dos Governadores. Observou-se o fortalecimento do



Fotos: Roberto Alves

teatro e o incentivo às artes plásticas, bem como no aumento das academias literárias e científicas.

Com o objetivo de fortalecer a defesa do território colonial, o sistema militar foi modernizado. Entre outras medidas, o Conde da Cunha ordenou a ampliação da Casa do Trem, construída, provavelmente, em 1762, dando origem ao primeiro arsenal de guerra do Brasil. A “Casa do Trem” que atualmente integra o conjunto arquitetônico do Museu Histórico Nacional, é testemunha desse tempo.



Retrato do Vice-Rei D. Luís de Vasconcelos e Souza por Leandro Joaquim (c. 1738-1798). Foi durante a sua administração que o Rio de Janeiro passou por algumas obras urbanísticas importantes, como o aterro da Lagoa do Boqueirão, para dar lugar ao Passeio Público, primeira área de lazer pública da cidade, e a reforma do antigo Largo do Paço, que inclui a instalação do Chafariz da Pirâmide, projeto do Mestre Valentim da Fonseca e Silva.
Foto: Rômulo Fialdini



Guarda do Vice-Rei, do Rio de Janeiro, 1777 (uniformes de Oficial, Oficial inferior e Soldado).



Bico de pena do Portão do Passeio Público por Genesio Murta, início do século XX.



Planta da Baía e Cidade do Rio de Janeiro. Desenho de Nicolas Marie Ozanne, século XVIII.

Coleção Paraguaçu

A Coleção Paraguaçu integra o precioso acervo do Armorial Histórico da Casa da Torre de Garcia de Ávila que representa os diversos ramos de personalidades e famílias vinculadas por matrimônios, além de instituições com ligações importantes, cuja raiz genealógica mais antiga é o casal Diogo Álvares, o Caramuru (c 1475, Portugal - 1557, Bahia), e a índia tupinambá Paraguaçu, batizada na França em 30 de julho de 1528 como “Katherine du Brésil”. O Armorial Histórico, iniciado em 1977, é composto de 180 (cento e oitenta) Brasões de Armas executados pelo renomado heraldista baiano Victor Hugo Carneiro Lopes, sobre pergaminhos (pele de carneiro), de dimensões regulares, com esmerado acabamento e com tintas indelévels, iluminados a ouro e prata, trazendo devidamente manuscritas as respectivas identificações. É considerado internacionalmente uma das mais importantes coleções do gênero, não só do Brasil, mas de todo o Novo Mundo. Seu lema *In decus ortibus* tem o sentido de Em honra aos antepassados. Contempla desde primitivos povoadores do Brasil, na Bahia, resgatadas as raízes no Velho Mundo e as alianças contraídas nos séculos vividos neste lado do Atlântico, com prolongamentos por todo o Brasil, e, recentemente, na Casa Imperial Brasileira, irradiados para o Novo e o Velho Mundo.

Christóvão de Ávila



“Visão de Paraguaçu”, de Angelo da Silva Romão, óleo sobre tela, 1866, Brasil
Foto: Rafael Zamorano

Graças à generosidade de Christóvão de Ávila, o Armorial Histórico da Casa da Torre de Garcia D’Ávila integrará em breve o acervo do MHN.

Mesa de abertura do Seminário: da esquerda para a direita, Paulo Knauss, Presidente do IHGRJ, Vera Lúcia Bottrel Tostes, Diretora do MHN, Angelo Oswaldo de Araújo Santos, Presidente do IBRAM, Arno Wheling, Presidente do IHGB, e Ana Maria Mauad, Coordenadora do PPGH/UFF.
Foto: Roberto Alves



Anualmente o MHN, com o apoio do IBRAM e parceria de universidades, instituições culturais

e de pesquisa, do Brasil e do exterior, realiza em outubro, mês de sua criação, um seminário internacional abordando temas das áreas das ciências humanas e sociais.

Em 2013, ano em que se comemoram os 250 anos da transferência da sede do governo do Estado do Brasil de Salvador (Bahia) para o Rio de Janeiro, o MHN e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), parceiros históricos na celebração do bicentenário dessa efeméride, uniram-se ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ) e ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF) para aprofundar a reflexão e o debate sobre o período dos vice-reis no Rio de Janeiro. O seminário teve o apoio da Associação dos Amigos do MHN, CAPES e FAPERJ.

CULTURA JAPONESA – De 18 de dezembro a 12 de janeiro de 2014

O Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro e a Fundação Japão, em parceria com o MHN, promovem a exposição “Japão: O Reino dos Personagens” para refletir sobre as circunstâncias culturais e históricas por trás da afeição do povo japonês pelos personagens, tecendo caminhos acerca do futuro desses no Japão contemporâneo. Após percorrer seis capitais – São Paulo, Curitiba, Recife, Manaus, Belém e Brasília - a mostra encerra sua itinerância brasileira no Rio de Janeiro, devendo seguir para o Panamá ainda em 2014.

O que seriam personagens? Por que um certo personagem é criado e por que torna-se tão popular? Que tipo de sociedade eles representaram? Personagens como o Ultraman, o Astro Boy, a Hello Kitty, o Pokémon (Pikachu), e mascotes (yurukyara) são apresentados em painéis, vídeos e bonecos, constatando a influência que exerceram na sociedade japonesa e apresentando, ao mesmo tempo, seu universo de modo abrangente. “A existência de produtos com esses personagens é

ainda mais significativa. Juntamente com itens comuns como bichinhos de pelúcia e artigos de papelaria, esses produtos englobam uma enorme e variada gama de itens, desde acessórios de moda e artigos de uso diário a anúncios e serviços. Ao longo de cada período, a extensão e a variedade desses itens aumentaram de modo a abranger todas as facetas da vida dos japoneses. Outro aspecto importante é a mudança dos perfis de consumo: de crianças para adultos, de uso familiar para pessoal, de entretenimento para suprimento de necessidades psicológicas.”, afirma Hiroyuki Aihara, presidente da Character Research Institute Co. Ltd.

Dividida em quatro módulos, a exposição apresenta ambientes onde o visitante pode conhecer, ou recordar, alguns personagens que emergiram ao longo de cada década e transformaram-se em ícones até os dias de hoje, apontando indicadores para a compreensão das mudanças ocorridas na sociedade japonesa a partir deles.



DOAÇÕES

Os nossos agradecimentos aos doadores que entre janeiro e setembro de 2013, contribuíram para ampliar as coleções do MHN, a saber: Angela Cardoso Guedes, Carlos Affonso Nunes Ribeiro, Carlos Peres, Beth Alves, Frederika Christiana Elizabeth Bezerra Cavalcanti, Julio Carlos Afonso; Liane Maia das Neves de Oliveira, Marisa Poyares, Marluci Guerrero Silva, Paulina Maria Mattos de Sant'Anna; Reginaldo Martins de Oliveira, Roberto de Magalhães Veiga, Ruth Beatriz Silva Caldeira de Andrada e Vera Lúcia Bottrel Tostes.

Graças a eles, 155 novas peças foram incluídas no acervo do Museu, entre as quais moedas, indumentária, postais, eletrodomésticos, documentos, bonecas, broches e botões de propaganda, canetas e material promocional da Rio + 20, entre outros itens.

A coleção de indumentária do MHN engloba indumentária civil, inclusive infantil, e militar, trajes de época e uniformes de trabalho, além de acessórios tais como bolsas, sapatos, chapéus, leques e etc.

Dois vestidos usados em cerimônias de casamento - um pela mãe do noivo e o outro pela madrinha - integram-se agora a essa coleção.

Doação: Beth Alves



Conjunto de pratos infantis da década de 1960.
Doação: Carlos Peres



Conjunto de botões de propaganda política
Doação: Roberto Magalhães

Três importantes itens relacionados à história de Pernambuco foram incorporados ao acervo do museu: pá de prata, comemorativa da inauguração das obras da estrada de ferro Recife-Rio São Francisco, em 1855; exemplar nº 6 do livro de Caspar Barleus em sua primeira edição em língua holandesa, datada em Haia 1923 (edição de luxo, fac-símile da primeira edição publicada na Holanda em 1647) e retrato de Maurício de Nassau (impressão original de gravura sobre papel). Doação: Frederika Christiana Elizabeth Bezerra Cavalcanti



"O medidor era de propriedade de minha tia Wanda Leonído de Lorena, já falecida. Acredito que tenha sido adquirido por ela, pois desde muito jovem cozinhava. Ela foi criada no Abrigo Thereza de Jesus, no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro e lá viveu até o ano de 1935, quando completou 18 anos. Uma das atividades no abrigo era a prática da culinária, daí minha suposição sobre a aquisição do medidor. Sinto como uma homenagem à minha tia, pessoa de doces lembranças para mim e para meus irmãos".

Paulina Maria Mattos de Sant'Anna - doadora



Música no Museu

Em 30 de agosto de 2002 iniciava-se uma bem sucedida parceria entre o MHN e a Carpex Empreendimentos e Promoções, com o apoio da AAMHN, para a realização do projeto “Música no Museu”. No programa de estréia, apresentação da Orquestra Rio Camerata, sob a regência do maestro Israel Menezes.

Desde então, é realizado mensalmente, sempre na última sexta-feira do mês, às 12h30m, um concerto no auditório do Museu.

Ao longo desses onze anos, mais de 120 eventos foram produzidos, incluindo a apresentação do pianista Arnaldo Cohen e de harpistas internacionais consagrados.

Muitos foram os jovens talentos que passaram pelo palco do MHN, pois a filosofia do “Música no Museu”

é também a renovação da música clássica.

Pela relevância do projeto - a formação de novas plateias, o incentivo à visitação de museus, o rompimento de barreiras entre eventos de música clássica e de outros gêneros quanto ao interesse do público em geral e o incentivo a jovens músicos - a AAMHN concedeu, em 2009, a Medalha Henrique Sérgio Gregori ao responsável pelo “Música no Museu”, Sérgio Reis da Costa Silva.



26 de abril: Newton Nazareth homenageia Ernesto Nazareth



28 de junho: Apresentação do Corais do INMETRO e da Universidade Candido Mendes.



25 de março: Jamband Express, com Jolt Telek (vocal, guitarra e harmônica), Gabriel Barbosa (bateria) e Gabriel Lucena (baixo).



31 de maio: dois concertos integraram o “Música no Museu Rio Harp Festival”. Apresentação do peruano Armando Becerra (harpa) e do Trio Belas Artes, composto pelos mexicanos Baltazar Juarez (harpa); Rafael Urrusti (Flute) e Jorge Delezé (Viola).



26 de julho: Concerto especial no âmbito da Jornada Mundial da Juventude. Apresentação do italiano Vince Abbracante (acordeon).



30 de agosto: Apresentação do Coral Seresta



27 de setembro: Apresentação da Orquestra de Violoncelos das Comunidades Pacificadas.

25 de outubro:
Apresentação de André Trindade



29 de novembro, às 12h30: Encerramento do VI Festival Internacional de Sopros.

Apresentação do americano Richard Meek (fagote) e do conjunto franco-espanhol Ensemble Ritual XXII, integrado por Adolfo Reisin (Compositor-Diretor de orquestra), Robert Cohen Solal (Compositor-violinista), Isabel Baigorri (Soprano-violoncelo) e John Falcone (Compositor - Fagote - Sax). No programa, obras para fagote solo, duo, trio e improvisos com a participação do público.

Há cerca de 16 anos iniciávamos Música no Museu no Museu Nacional de Belas Artes. Três anos depois o Museu Histórico Nacional insere-se neste roteiro de concertos gratuitos no Rio de Janeiro e, de lá para cá, amplia-se ano a ano. O seu ingresso representou o momento



de crescimento das nossas atividades agregando qualidade e foi o ponto de partida para a sua grande expansão pelo Brasil e exterior.

Música no Museu, ao realizar 500 concertos por ano, no Brasil de norte a sul, é hoje a maior Série de música clássica do país e ter o Museu Histórico Nacional juntamente com outros 80 lindos espaços entre museus, igrejas, centros culturais, palácios, tornou-se o seu maior capital ao qual agregaram-se uma crítica e mídia generosíssimas, um público maravilhoso que sempre lota os seus concertos e os músicos, desde os mais expressivos no panorama nacional e internacional aos jovens talentos. Este mix é a razão de seu sucesso e o seu coroamento é a expansão pelo mundo fincando a bandeira brasileira em todos os continentes. Há sete anos que desenvolvemos a versão internacional em países das Américas, Europa, África, Ásia e Oceania levando músicos e música do Brasil a todos os rincões do mundo.

Música no Museu que nos seus primórdios baseava-se nas iniciativas congêneres dos maiores museus do mundo- Louvre, Metropolitan, MoMa, Guggenheim, Prado, Gulbenkian, entre outros que unem a música às artes plásticas, hoje tem o seu modelo próprio com um espaço consolidado na cultura brasileira e mundial mercê de uma longa trajetória de trabalho e abnegação. Ganhamos muitos prêmios nacionais e internacionais e, dentre eles, com o maior orgulho foi o recebido pelo próprio Museu Histórico Nacional há quatro anos atrás e que selou, definitivamente, a nossa parceria e reconhecimento recíprocos.

É pois, com a maior alegria, que dou este depoimento porque representa a união entre uma entidade ímpar na cultura brasileira com uma iniciativa que visa, sempre, ampliar as suas atividades em prol da nossa comunidade.

Sergio da Costa e Silva, criador e diretor de Música no Museu- www.musicanomuseu.com.br

MEDALHA HENRIQUE SÉRGIO GREGORI 2013

A cerimônia de entrega da Medalha Henrique Sérgio Gregori aos homenageados de 2013 será realizada no dia 03 de dezembro, às 17h, no auditório do MHN.

Instituída em 1990 pela AAMHN, a Medalha HSG é concedida anualmente às empresas e instituições que apoiaram projetos do Museu e às pessoas que se distinguiram por sua relevante colaboração e dedicação ao museu.

Os agraciados desse ano são o Governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho; o Presidente do IBRAM, Angelo Oswaldo de Araujo Santos, e os senhores Diana Vianna, Aline Montenegro Magalhães, José Pereira Ignácio e Reginaldo Martins de Oliveira.

Na ocasião, será lançado oficialmente o catálogo “Museu Histórico Nacional - 90 Anos de histórias - 1922 - 2012”.



MHN HOMENAGEADO

O MHN foi um dos condecorados de 2012 com a Insígnia da Ordem do Mérito Cultural. Essa condecoração é outorgada pelo Ministério da Cultura a pessoas, grupos artísticos, iniciativas ou instituições a título de reconhecimento por suas contribuições à cultura brasileira. A data de entrega da condecoração - 5 de novembro - marca as homenagens ao Dia Nacional da Cultura, ocasião em que é celebrado ainda o aniversário de nascimento do jurista e jornalista Rui Barbosa.

A 18ª edição da cerimônia de entrega da Ordem do Mérito Cultural, realizada em novembro de 2012, teve como homenageado Luiz Gonzaga, em comemoração ao centenário de nascimento do músico, conhecido como “Rei do Baião”. A camiseta e estatueta alusivas a Luiz Gonzaga, referentes ao evento, foram incorporadas ao acervo do Museu.



PREZADOS ASSOCIADOS

Aguardamos sua visita. Venha e traga um novo amigo para participar da nossa AAMHN.

E não se esqueça: sua anuidade é importante. Esteja em dia!

www.museuhistoriconacional.com.br aamhn.associados@gmail.com

Realização:

Apoio:



Ministério da
Cultura



EXPEDIENTE:

**Presidente da AAMHN
e do Conselho Deliberativo**
José Luiz Alquéres

**Vice-Presidente da AAMHN
e do Conselho Deliberativo**
Jorge La Saigne de Botton

Diretor Adjunto
Samuel Kauffmann

Diretora Executiva
Heleny Pires de Castro

Conselho Fiscal
Cesar Roberto Pinto
de Mello Palhares (Suplente)
José Antonio Ferreira
Maria Linhares Pinto (Suplente)
Martha Luiza Vieira Lopes (Suplente)
Olavo Cabral Ramos Filho
Paulo Roberto Ribeiro Pinto

Conselho Deliberativo
Heleny Pires de Castro
João Sergio Marinho Nunes
Joaquim Arruda Falcão Neto
Jorge La Saigne de Botton
José Luiz Alquéres
Luiz Aranha Correa do Lago
Roberto Paulo Cezar de Andrade
Samuel Kauffmann
Sarah Fassa Benchetrit
Vera Lúcia Bottrel Tostes

Conselho Consultivo
Alice Cezar de Andrade Vianna
Antônio Gomes da Costa
Arno Werling
Carlos Ivan Simonsen
Ecyla Castanheira Brandão
Jorge de Souza Hue
José Carlos Barbosa de Oliveira
José Pio Borges
Luis Eduardo Costa Carvalho
Magali de Oliveira Cabral dos Santos
Marcio Fortes
Marcos Moraes
Maria Elisabeth Banchi Alves
Mauro Salles
Sígilia Mattos dos Reis
Solange de Sampaio Godoy
Vera Alencar
Vera Lucia Bottrel Tostes

BOLETIM INFORMATIVO

Responsável:
Heleny Pires de Castro
Redação, seleção fotográfica e edição:
Angela Cardoso Guedes

Revisão:
Aline Montenegro
Nelson Jorge dos Santos
Coordenação Gráfica: ASIL-Rio
Tel/Fax:(21) 2278-3796

Diagramação: Helcio Peynado
www.helciopeynado.com.br

Impressão: Gráfica Onida
Tel. (21) 2560-5594



**ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL**
CNPJ: 32.268.617/0001-89

Sede - Rua Uruguai, 55 / 903
Centro - 20050-094 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2550-9223

Site do Museu Histórico
Nacional na Internet:
www.museuhistoriconacional.com.br